

7. As famílias atuais dos técnicos: organização social e valores

Uma vez terminado o curso técnico, e tendo ingressado no mercado de trabalho em melhores condições que os não-qualificados, os técnicos vão confirmando ou redefinindo seus projetos, valores e visões de mundo. Entretanto, quando é alcançada relativa estabilidade profissional e financeira, a maioria tem como meta principal o casamento. Sabemos que a família foi a referência central durante a infância dos técnicos, permanecendo importante ao longo de suas trajetórias na medida em que oferece-lhes parâmetros para seu diálogo com as diferentes experiências, instituições e discursos a que vão tendo acesso. É, portanto, interesse dessa pesquisa analisar os projetos de família dos técnicos investigados quando eles, adultos e financeiramente independentes, têm relativa liberdade de escolha de seu modo de vida e assumem então a posição de chefia (ou co-chefia) no que estou chamando de suas “família atuais”. Que tipo de vida doméstica almejam? Que tipo de relações estabelecem com os demais membros do novo grupo familiar e o que isso pode nos dizer de seus valores e visões de mundo? Qual, afinal, o significado do casamento para eles? A estrutura dessas novas famílias⁹⁴ dialoga com um processo de mudança nos modelos familiares no país, como de resto na maior parte do mundo ocidental. Trabalhamos aqui com a categorização utilizada por Vaitsman (1994) e por Stacey (1998), segundo as quais podemos identificar nas sociedades complexas três modelos básicos de família: a família tradicional, ou família pré-moderna, a família moderna e a família pós-moderna.⁹⁵

A *família tradicional* ou *pré-moderna* seria baseada em unidades familiares extensas e patriarcais, onde se observa uma profunda integração econômica, social e política em que interesses individuais estão subordinados a interesses corporativos familiares e onde todos os membros do grupo participam das atividades necessárias à sua reprodução. As decisões, escolhas e laços obedecem a razões do grupo familiar: as políticas de alianças e de reprodução são definidas pelas autori-

⁹⁴ Aqui, ‘novas’ com o sentido estrito de serem outras famílias, aquelas chefiadas pelos técnicos e não mais as suas de origem onde eles ocupavam o lugar dos filhos.

⁹⁵ A utilização do termo “pós-moderna” como qualificativo de um modelo de família não deve ser compreendida como a adoção do referencial filosófico-sociológico do pós-modernismo, conforme já explicitado anteriormente. Nem mesmo Vaitsman, de quem incorporamos essa categorização das famílias, o faz.

dades do grupo — em geral, os anciãos. O casamento não é encarado como questão de escolha pessoal, de amor, mas como interesse e benefício de todo o grupo familiar. As fronteiras entre o mundo público e o privado são bastante permeáveis nesse modelo, bem como aquelas entre família e trabalho, uma vez que todos os membros da parentela compartilham tarefas de produção e reprodução da existência coletiva.

Esse modelo é identificado como de caráter *hierárquico* (Dumont, 1992), qualificação que se refere a um tipo de visão de mundo em que prevalecem relações de complementaridade entre papéis sociais distintos, cada um deles cumprindo uma função na vida social. Os seres são percebidos como essencialmente *diferentes*: homens ou mulheres, proprietários ou trabalhadores, adultos ou crianças. A essa diferença corresponde uma *desigualdade* de poder e de responsabilidade que confere a cada um identidade *posicional*. Assim, por exemplo, a mulher que ocupa o lugar de mãe deve diferenciar-se fortemente da mulher-filha: no linguajar, no trajar, nos gostos e comportamentos, marcando sua *posição* na estrutura familiar. Pensando especificamente em termos de Brasil, Roberto da Matta (1987) define como *família patriarcal* (que coincide com o que Stacey e Vaitsman denominam de família tradicional) aquela capaz de manter agregados, realizando a ponte entre o mundo público e o universo privado, agindo como grupo corporativo, como uma pessoa jurídica indivisível, apesar de todas as suas enormes diferenças internas. A família patriarcal implica ainda a convivência cotidiana de uma parentela de mais de duas gerações com uma chefia indiscutível, unida pela crença em uma substância comum (a “carne” e o “sangue”) que faz o grupo agir como tal, exigindo e legitimando lealdade e devoção de seus membros.

Outro modelo familiar seria aquele denominado por Stacey como a *família moderna*: uma unidade doméstica nuclear composta por um chefe-provedor masculino, sua esposa dedicada em tempo integral ao lar e seus filhos-dependentes. A difusão desse modelo ocorre paralelamente ao desenvolvimento da sociedade industrial moderna e confirma-se em diferentes países, ainda que devam ser levadas em conta variações internas a diferentes segmentos sociais. A industrialização estimula a migração de enormes contingentes populacionais para as cidades, onde a vida cada vez mais ordenada pelo trabalho industrial, seus ritmos e sua lógica, se organiza em padrões muito diferenciados daqueles vigentes no mundo rural, o que consiste em mais um fator que favorece o processo de mudanças culturais: o fe-

nômeno da modernização. Stacey sistematiza quatro “inovações radicais” que diferenciam as famílias modernas das pré-modernas:

*(1) family work and productive work became separated, rendering women's work invisible as they and their children became economically dependent on the earnings of men. (2) Love and companionship became the ideal purposes of marriages that were to be freely contracted by individuals. (3) A doctrine of privacy emerged that attempted to withdraw middle-class family relationships from public scrutiny. (4) Women devoted increased attention to nurturing fewer and fewer children as mothering came to be exalted as both a natural and demanding vocation.*⁹⁶ (Stacey, 1990:48).

Esse tipo de estrutura familiar é avaliada por Stacey como “peculiar, efêmera e internamente contraditória” (1998:6), pois os valores livre-escolha e amor romântico introduzem novas expectativas e contradições na convivência doméstica. A monogamia bilateral começa a ser aspirada pelas mulheres, agora orientadas pela idéia do amor romântico e não mais pelo casamento sob os interesses do clã e a mando do patriarca. A penetração das noções de indivíduo e de realização pessoal começa a colocar em pauta os projetos individuais que introduzem novos conflitos pela possibilidade de choque entre eles.

*With rearview vision one glimpses the structural fragility of the modern family system, particularly its premise of enduring voluntary commitment. (...) A romantic 'until death do us part' commitment volunteered by two young adults acting largely independent of the needs, interests, or wishes of their kin was the vulnerable linchpin of the modern family order*⁹⁷. (Vaitsman, 1994:35)

Segundo Vaitsman, ao lado de algumas mudanças, a família moderna brasileira ainda permanece hierárquica, uma vez que, apesar de instalar a escolha individual, sua estrutura se funda na divisão sexual do trabalho nas esferas pública ou privada atribuída segundo o gênero: a natureza feminina vista não apenas como distinta mas complementar, e sobretudo desigual e subordinada à masculina. Inúmeras pesquisas já descreveram um verdadeiro movimento de ressignificação cul-

⁹⁶ Tradução minha do original: (1) o trabalho familiar ou doméstico e o trabalho produtivo se separam, tornando invisível o trabalho feminino na medida em que mulheres e crianças se tornam economicamente dependentes dos ganhos dos homens; (2) amor e camaradagem se tornam os propósitos ideais do casamento que passa a ser livremente negociado entre indivíduos; (3) uma doutrina de privacidade preserva a família do escrutínio público; (4) mulheres devotam uma atenção crescente ao cuidado com um número cada vez mais reduzido de crianças e a maternidade passa a ser exaltada como uma vocação tanto natural como social (tradução minha do original)

⁹⁷ Tradução minha do original: Numa visão retrospectiva pode-se vislumbrar a fragilidade estrutural da organização da família moderna, particularmente seu pressuposto de compromisso voluntário duradouro. (...) Um romântico compromisso ‘até que a morte nos separe’ acordado voluntariamente por dois adultos jovens, que atuam de forma independente das necessidades, interesses e expectativas das parentelas era (sic) o ponto vulnerável da ordem familiar moderna) (tradução minha do original)

tural da família, empreendido por instituições médicas, educacionais, religiosas e jurídicas, buscando penetrar, especialmente, a classe trabalhadora.⁹⁸ Enfatizam-se, nos discursos desses agentes, os benefícios da privacidade, do amor materno, o lugar de proeminência da criança e a higienização dos espaços. A mulher recolhe-se à casa, onde *ela vai ser o centro de todo um esforço de propagação de um modelo imaginário de família, orientado para a intimidade do lar, onde devem ser cultivadas as virtudes burguesas* (Rago, 1985:75).

Segundo Foucault, essa mudança nos valores é típica da modernidade: controle racional, pela compartimentalização (“esquadrinhamento”, nos termos do autor) do tempo, do espaço, dos corpos, das relações sociais e do saber, visando um maior controle sobre os indivíduos e um aumento generalizado de produtividade. Foucault (1982 e 1983) nos fala do advento do que ele chama de “as modernas disciplinas”, instaurando uma nova modalidade de socialização, baseada na racionalização e na vigilância, em oposição aos mecanismos punitivos exemplares vigentes na sociedade tradicional. A Psicologia, com seu foco no indivíduo, seria um dos vários saberes desenvolvidos no bojo dessas transformações históricas modernizantes e cumpre, dentre outros, o papel de difundir noções como personalidade, aptidões individuais e educação, ganhando grande espaço na imprensa e na formulação de políticas públicas.

Estamos diante do processo de formação do homem (e do trabalhador) moderno, urbano, fundado no modelo do homem burguês: laborioso, organizado, disciplinado, responsável, tendo a família como lastro e como célula de formação de novos indivíduos laboriosos, organizados, disciplinados, responsáveis. Se me refiro aqui ao período no qual aceleram-se a urbanização e a industrialização, é importante lembrar que o processo de modernização e de formação do que veio a constituir-se como o “homem burguês” vem se construindo há cerca de seis ou sete séculos, ao longo dos quais assistimos à *longa e complexa luta que veio sendo travada para criar as condições necessárias à autonomização dos indivíduos, em geral* (Konder, 2000:11).

A “família moderna” é, a um só tempo, sinal, condição e fruto do advento desse novo homem: autônomo, empreendedor e competitivo. É importante assinalar aqui a necessária diferenciação entre “burguês” e “homem burguês”, ressaltada

⁹⁸ Ver, por exemplo, Chaloub (1980); Kowarick (1987); Rago (1985); Decca (1987); Woortman (1984); Veiga e Faria (1999); Donzelot (1980); Perrot (1988) e Ariès (1981)

por Konder, segundo a qual o “burguês corresponde ao elemento de uma classe, o proprietário dos grandes meios de produção, o industrial, o grande negociante, o banqueiro, o empresário, enquanto o “homem burguês” é o “tipo humano que a burguesia, no exercício da sua hegemonia, permite que se desenvolva na sociedade”. O “homem burguês” é

um condicionamento promovido, não pela burguesia, diretamente, mas pelo conjunto da sociedade burguesa, quer dizer, pelas características do “sistema” social estruturado sob a hegemonia da burguesia (Konder, 2000:15).

Mas o modelo nunca é puro. Sabemos, por exemplo que o processo de recolhimento da mulher e da criança ao lar não ocorre de forma homogênea. As resistências foram grandes, tanto por motivos culturais quanto pela impossibilidade econômica de realização desse modelo. Além disso, como afirma Velho, os tipos de famílias variam: *há diferenças relacionadas a classe social, a grupo de status, a grupo de ethos, tradições regionais, etc (1987:82)*. Não pretendo assumir uma posição de contraposição mecânica, dicotomizando essas estruturas familiares tradicional, moderna e pós-moderna (abordada a seguir), ou categorizando-as qualitativamente como “melhores” ou “piores”. Primeiro, porque nenhuma delas se realizou tal e qual os modelos descritivos.⁹⁹ Segundo, porque carregam, todas, pregnâncias, contradições, possibilidades e limitações que se referem fortemente aos contextos em que foram gestadas. Terceiro, porque cada uma delas e a existência das três, e de suas muitas variações, constituem o rico “caldo cultural” onde se socializaram gerações que mantêm um diálogo ativo com toda essa herança. De qualquer forma, acredito que ter em mente essas estruturas, ainda que um tanto arquetípicas, ajuda-nos a problematizar o campo de possibilidades onde se desenrolam as trajetórias familiares de nossos técnicos, identificando aí suas escolhas e os valores que as orientam.

O terceiro modelo familiar identificado pela literatura é o da *família pós-moderna*. Essa forma de organização da família associa-se às transformações no modelo social já apontadas nos capítulos anteriores e assumidas nesse trabalho como um aprofundamento da modernidade e de suas contradições. Tanto Vaitsman como Stacey enumeram as transformações da modernidade tardia que aprofundam algumas características da sociedade moderna e alteram outras, tais como

⁹⁹ Veja discussão sobre os diferentes tipos de famílias permeando-se, os modelos dominantes dialogando com várias outras possibilidades nos diversos momentos históricos da sociedade brasileira em Da Matta, 1987 e Velho, 1987.

a emergência da economia pós-industrial alterando a inserção das grandes massas na economia; declínio dos empregos industriais, crescente número de trabalhadores terceirizados, flexibilizados, informais e desempregados, além do crescimento do setor de serviços; os empregadores descobrem a mão-de-obra mais barata e menos sindicalizada das mulheres. Ao lado disso, o crescimento dos padrões de consumo, a expansão da educação de massa e a elevação do número de separações de casais permitiram a um número cada vez maior de mulheres investir suas identidades na esfera do trabalho remunerado, fenômeno do qual as pioneiras foram as mulheres das camadas populares, ainda que por razões distintas.

Com a aceleração da urbanização, cresce o “exército de reserva” de mão-de-obra no mercado de trabalho e reduzem-se os salários, ao mesmo tempo em que é cada vez mais difícil a realização do modelo do “chefe-provedor”. As mulheres começam a se escolarizar, encontram novas oportunidades de trabalho e começa a se desenvolver um ambiente cultural favorável a sua “saída” do âmbito doméstico. Esse ambiente cultural teve ainda o impulso das técnicas de controle da natalidade, do crescimento dos movimentos feministas e da massificação das noções de “realização pessoal” e “frustração”, sistematizadas e difundidas pela Psicologia. Tudo isso contribuiu para aprofundar o processo de valorização dos indivíduos, atingindo os projetos das mulheres e dos filhos, que emergem como sujeitos autônomos, apoiados nas noções de “dons” e “necessidades” pessoais. Criam-se então novos valores, novas maneiras de estruturar a vida cotidiana, que passam a conviver, relativizar ou substituir aqueles tradicionais, ainda que de diferentes maneiras nos diversos grupos sociais. Aprofundam-se aqueles sinais, já anunciados desde Balzac em seu *Ursule Mirouet*, pela expressão do Visconde Savinien de Portuendère: “Não há mais família hoje em dia, minha mãe; há somente indivíduos” (*apud* Konder, 2000).

O modelo de organização familiar chamado *pós moderno* caracteriza-se ainda pela aceitação social de inúmeras possibilidades de organização doméstica: mulheres ou homens que escolhem viver sós, mulheres ou homens com seus filhos e sem parceiros residentes, relações ditas “abertas”, mulheres e homens que optam por não manter relações permanentes, casais homossexuais vivendo juntos ou não, filhos solteiros que optam por morar separados dos pais, mesmo sem constituírem nova família, filhos que se casam e permanecem morando na casa dos pais (ou de um deles), filhos de um primeiro casamento coabitando com o no-

vo parceiro e com os filhos do segundo casamento, ou seja, um sem-número de possibilidades, não existindo mais um modelo único que oriente a organização da vida cotidiana familiar.

Ainda que instabilidade, flexibilidade e heterogeneidade no casamento e na família não sejam fenômenos novos, elas crescem numericamente e adquirem legitimidade. Além disso, enfraquecem-se e em alguns acasos até mesmo desaparecem as tentativas de enquadrar, num discurso único, essa diversidade real de práticas. Só aqui, no dito modelo pós-moderno, podemos então, segundo tanto Jeni Vaitsman quanto Judith Stacey, falar em família fundada em valores igualitários ou individualistas, em oposição às estruturas hierárquicas. Ao se redefinir a posição das mulheres na sociedade, abala-se a estrutura de poder, e também a dicotomia entre público e privado atribuída segundo o gênero. Inseridas no mercado de trabalho e na vida pública em geral, as mulheres assumem-se como *indivíduos iguais* aos homens e forjam possibilidades e projetos que possibilitam o surgimento de outras formas de organização da vida doméstica. Também as crianças vêm estimuladas suas aspirações pessoais e amplia-se seu campo de decisão, fortalecendo seu sentido de individualidade, conforme o modelo moderno (ou burguês). Com a mulher também inserida no trabalho, alteram-se os processos de socialização dos filhos, a transmissão de hábitos e valores. A disponibilidade ou não de instituições e equipamentos capazes de acolher esse segmento ao longo de todo o dia torna-se cada vez mais decisiva.

Insistimos em lembrar que esses modelos ideais são esquemáticos e de certa forma simplificadores, não se concretizando jamais segundo sua descrição. Servem como referência básica, mas precisam ser permanentemente cotejados com a complexidade dos dados empíricos. Além disso, os modelos familiares se realizam de maneiras distintas nos diversos grupos sócio-culturais, pois são reinterpretados à luz de suas tradições e experiências concretas.

No Brasil, quando as mulheres das camadas médias a altas se restringiam à vida doméstica, nas classes populares milhares de esposas e mães trabalhavam fora: nas tecelagens, nas residências abastadas, no comércio, ainda que dialogassem com o modelo do chefe-provedor.¹⁰⁰

Sérvulo Figueira também nos alerta para o fato de que a polarização entre um modelo “arcaico” e um modelo “moderno” de família não ocorreu inteiramente no Brasil.¹⁰¹ Segundo esse autor, o moderno convive com o arcaico “de modos sutis e complexos” (1987:29), encontrando-se, na maioria das vezes, sob discursos “modernos”, práticas estritamente tradicionais, como aquelas que impõem aos sujeitos normas de conduta independentes de sua escolha pessoal. O autor exemplifica com a norma de grupos “modernos” que “proíbem” a virgindade. O discurso é novo (antivirgindade, antiautoridade da família), mas a prática é tipicamente tradicional: impor uma norma aos indivíduos para atender aos critérios do grupo. Vejamos, então, como se estruturam as famílias atuais dos técnicos investigados e que visões de mundo e projetos elas atualizam. Haverá igual repercussão de todos esses modelos em suas trajetórias? Que alterações poderão ser observadas, nesse segmento de trabalhadores, em relação as suas famílias de origem, e o que isso nos diz de suas escolhas?

7.1.

A organização das famílias atuais dos técnicos em perspectiva com as famílias de origem

Dentre os técnicos investigados, 11 são casados e 9 solteiros. Os solteiros residiam com os pais (ou com um deles, conforme a situação de separação ou viuvez) na época da pesquisa. Posteriormente, um deles, Robson, adquiriu um apartamento financiado e mudou-se da casa da mãe que, por sua vez, mudou-se para a casa de uma filha casada. Observa-se que 5 desses técnicos não têm namorados ou namoradas. Há 3 que estão noivos (Walmir, Robson e Welber). Luiza tem um namorado há cerca de 2 anos mas o namoro está num momento de decisão: ficam

¹⁰⁰ Veremos a seguir a força desse modelo (do chefe-provedor) em setores das camadas populares onde, mesmo em configurações familiares que se pretendem mais igualitárias quanto aos papéis dos gêneros e dos grupos etários, fortes laços de união alimentam o valor-família acima de projetos individuais.

¹⁰¹ Figueira, diferente de Vaitsman e de mim, chama de “arcaico” o modelo hierárquico e de “moderno” o modelo individualista-igualitário. Isso não desmerece sob nenhum ponto de vista as análises e o alerta de Figueira, precursor dessa discussão, mais tarde complexificada por Vaitsman e outros.

noivos ou se separam? Luiza quer priorizar a carreira e com relação a isso vive um momento de transição: já esteve convicta de que a prioridade máxima da vida era a realização profissional e hoje essa idéia parece desestabilizada. O peso no namorado em sua vida está em questão. De qualquer forma, todas as decisões estão adiadas até sua formatura no curso de Engenharia, projeto em que concentra suas forças e que a ajuda a protelar as decisões para as quais se sente insegura. Mora hoje com a mãe, e segundo ela o lugar onde se sente melhor no mundo é em casa, até porque trabalha de dia e estuda de noite durante toda a semana, além das aulas de Inglês.

Alguns desses técnicos solteiros — que são os mais jovens entre os entrevistados, todos formados em 1996¹⁰² — vivenciam as contradições típicas da convivência cotidiana familiar que me pareceram agudizadas pelos conflitos entre os modelos hierárquico e individualista, com os quais dialogam. Vejamos, por exemplo, o caso de Olacir, onde aparecem diversos conflitos vividos na família, principalmente as brigas entre dois irmãos mais novos (ambos já adultos). Olacir expressa a dificuldade de “romper” com a estrutura familiar, mesmo sentindo essa necessidade pessoal:

É, são cinco pessoas que moram dentro de casa. Ficam em casa a minha mãe e mais aqueles que não trabalham. Então é o dia todo perto do outro e acaba brigando, mesmo. Isso assim atinge proporções, lá em casa, que está assim insustentável. A gente não agüenta mais, a vontade de cada um é de ir embora. Então é isso que me preocupa mais hoje em dia. Eu tenho vontade de ir embora e ter a minha casa, mas ou saio para casar ou saio para mudar do Estado, porque eu não acho interessante mudar para o outro lado da rua... Acho sem lógica. Só falta a namorada! (risos) (Olacir)

Na verdade, o grande projeto atual de Olacir é casar-se. Esse é um assunto que, segundo ele, ocupa muitas horas de conversas com seus amigos do grupo religioso que frequenta. Olacir tem uma poupança que lhe permitiria dar entrada num imóvel financiado. Mas não o faz devido a seu código de valores, estreitamente referenciado na família, o que o impede de construir uma alternativa individual, mesmo que sinta uma inclinação para isso. Acaba optando por permanecer num ambiente cuja organização e relações cotidianas são diferentes da maneira em que ele vem se construindo e sendo construído. Valores distintos se chocam, mas ele opta ainda assim pela lealdade ao grupo familiar, o que demonstra o poder

¹⁰² Apenas 2 dentre os 8 técnicos formados em 1996 são casados: Fernando e Marilton e, dos formados em 1986, apenas Walmir e Welber são solteiros (ambos noivos).

do modelo hierárquico ou do valor-comunidade em sua visão de mundo, onde fazer parte de um coletivo se sobrepõe às necessidades e desejos individuais. Ao mesmo tempo, sentindo que é fraca a coesão do grupo familiar, Olacir constrói outro grupo de referência através da Igreja, que ele considera sua própria família. Ainda que não se separe da família de origem, escolhe outro grupo de referência onde, finalmente, se sente de fato inserido numa comunidade, atendendo aos apelos dos valores coletivistas e sonhando ardentemente com a construção de sua própria família. Esse grupo religioso caracteriza-se por uma convivência intensa e íntima entre seus poucos membros.

No caso de Walmir, também ele gostaria de ter um espaço mais seu. Ele e o irmão construíram, sobre a laje da casa da mãe, dois quartos, que ficaram relativamente independentes do restante da casa. Mesmo possuindo dois lotes, ele permanece na casa da mãe. Depois de comprar o primeiro lote, preferiu investir num segundo lote a construir no que já possuía. Agora que reatou com a noiva, faz planos de construir. Retomar a idéia do casamento parece ter feito bem a ele, constituindo-se num projeto que claramente ofereceu-lhe perspectivas e conferiu significado ao presente, que, até antes disso, parecia-lhe vazio e fragmentado. Nem o retorno ao curso de Engenharia foi capaz de fornecer-lhe esse *sentido* que agora se apresenta com a idéia do casamento. A noiva, que é negra, é totalmente assimilada pela família dele, e Walmir, loiro de olhos azuis, também tem profunda amizade e admiração pela família da noiva. A questão étnica aparece aqui, apenas, ao que tudo indica, através do olhar da pesquisadora. Em nenhum momento essa questão emergiu nos discursos. Comparando a noiva com uma moça que namorava durante o período de ruptura do noivado, Walmir ressaltava a inteligência da então ex-noiva e afirmava achar difícil levar a (então) namorada em sua casa, devido às “bobagens” que ela falava. Na entrevista com D.Edmara, quando eu ainda não conhecia a noiva de Walmir, sua mãe teceu mil elogios a ela, sem nenhuma menção à questão racial, que parece não colocar-se para o grupo.

Outro técnico solteiro, Danilo, filho de pais separados, mora com o pai, com o qual diz não ter nenhuma intimidade e conversa. Esse rapaz, um dos mais jovens entrevistados, também afirma encontrar muito raramente a mãe e parece um tanto ressentido com a situação da família. O casamento está posto para ele como perspectiva de reconstrução da comunidade familiar, mas como não tem namorada, concentra-se nos estudos e em aproveitar os poucos momentos de lazer. Roberto

mora com os pais e uma irmã solteira. Quer, definitivamente, casar-se e ter filhos, mas também não tem namorada atualmente. Apesar de preocupado em adquirir sua moradia própria, investiu a poupança que possuía na reforma da casa dos pais, ainda em andamento. Construiu ali uma área de lazer (varandão com cozinha e um banheiro) para então reformar a cozinha e o banheiro da casa.

Vemos, então, no caso de todos os homens solteiros, o forte compromisso com as famílias de origem e nenhum questionamento à perspectiva do casamento. Não aparecem projetos individuais, no sentido de projetos que vislumbrem um futuro não referido a estruturas tipicamente familiares, como morar sozinho, viajar só para o exterior, mudar de cidade ou de estado. Um fato curioso é a postura surpreendentemente excepcional de Isadora e Luiza, duas das quatro mulheres investigadas. Excepcional porque exatamente em duas mulheres, onde tradicionalmente se esperaria maior referência ao valor família, aparecem projetos individuais. Isadora tem um percurso típico de classe média: estudar até terminar o curso universitário. Não falou em casamento em nenhum momento da entrevista e parece estar totalmente voltada para sua formação na universidade. Luiza, que se mostra, hoje, ligeiramente dividida entre a carreira e o namoro, ainda prioriza a primeira.

Namoro uma pessoa da área mesmo, não na área de Engenharia, mas de Informática. Então tem mais ou menos o mesmo ritmo. Então eu acredito que se eu namorasse um rapaz que não fosse dessa área, ele perderia a paciência muito mais. Agora, claro, você quer estudar, mulher nesse ponto eu acho assim, pior. Porque eu fico vendo meus colegas de Engenharia com 6 anos de namoro e nem pensando em casar. Eu também estou nesse período. Eu penso mais é em me pôr na minha profissão e em me acertar, porque eu também acho que hoje um namoro, um marido, é um complemento, não é a minha base de sustentação financeira. Não deveria ser e não recomendo que nenhuma mulher faça isso, lógico, né? (...) [se referindo a atividades de lazer] com o namorado, mesmo, não tenho feito quase nada muito junto... (Entrevista 2000).

Um ano depois:

(...) Acho que meu namoro tá meio ruinzinho. Não tá muito lá essas coisas, não. Mas hoje em dia, eu só penso hoje em formar. É meu único objetivo: formar na minha faculdade, o meu inglês e aí eu resolvo minha vida toda. (...) Hoje eu quero é desafio. Quero voltar a concorrer de novo, em outra empresa, concorrer com outras pessoas, começar do zero. Então é uma decisão. Se continuo o namoro, se não, se caso, se não, se continuo no emprego ou não, se continuo na faculdade que eu estou ou vou pra outra. Então eu quero é decisão e resolver. Então nós estamos pra decidir o que vamos fazer nesse ponto. Lógico, tem muito empecilho, você tá trabalhando só com equipe de homens, aí tem ciúmes, tem aquela coisa toda. Aí começa a ter propostas fora do Estado, né? Como eu já li um livro, o homem vai, a mulher segue quando acontece isso. Agora, se a mulher recebe uma excelente proposta igual eu estou pra ter fora do Estado, salarialmente, '-Ah, não'. Aí te colo-

cam na situação, né? ‘-Eu não vou, se você for tá tudo terminado’. Então, quer dizer, eu acho meio ridícula essa postura. E eu sou daquele tipo, o seguinte: eu não abriria mão da minha carreira. Eu perderia de um lado porque eu não... eu acho que se eu tenho que seguir, por que não tenham que me seguir também? Então eu acho muito complicado esse negócio da área feminina. Então, quer dizer, eu quero a definição, eu quero a resolução na minha vida, seja o que for (Entrevista 2001).

Aqui, aparecem valores tipicamente igualitários e críticas à ideologia hierárquica em que os homens têm o privilégio dos espaços públicos. Talvez o fato de que as mulheres formulem projetos menos referenciados na família se relacione com o fato de que, uma vez inseridas numa carreira profissional, para elas, esse tipo de opção oferece problemas que os homens não enfrentam, pois são elas que ainda arcam com o trabalho doméstico, mesmo quando trabalham fora, e também são elas que terão sempre que colocar a carreira em segundo plano, na eventualidade de qualquer conflito com os interesses do parceiro. Mesmo reconhecendo que “perderia de um lado”, Luiza ainda prioriza a vida profissional ao namoro e casamento.

Quadro 10: Escolarização e inserção no mercado de trabalho dos cônjuges

Técnicos casados	Antenor, Ednardo, Edgard, Fernando, Hugo, José Paulo, Marilton, Marcelo, Sônia, Solange, Vitoldo.	11
Cônjuge com nível escolar fundamental	Edgard, Solange	1
Cônjuge com nível escolar médio	Antenor, Fernando, Marilton, Marcelo, Vitoldo	5
Cônjuge com nível escolar superior	Ednardo, Hugo, José Paulo, Sônia	3
Esposas que não trabalham	Antenor, Edgard, Marilton	3
Cônjuges que trabalham	<i>No mercado formal:</i> Ednardo, Fernando, Hugo, José Paulo, Sônia	5
	<i>No mercado informal:</i> Marcelo, Vitoldo, Solange	3

Fonte: Entrevistas

Voltando-nos para os 11 casados, vemos que apenas um deles casou-se durante o curso técnico, Fernando, porque a namorada engravidou. Os demais se casaram após alguns anos de formados no curso técnico. Dentre os 7 casados que possuem ou estão fazendo o curso superior, apenas Solange casou-se depois de

formada na faculdade. Os outros 6 já eram casados quando terminaram o curso superior. Esse dado confirma, mais uma vez, a força do valor família nesse grupo, onde “fazer parte de uma comunidade, preferencialmente uma família” antecede outros projetos. Vemos também que os homens encontram condições de serem trabalhadores-estudantes mesmo casados, o que demonstra a possibilidade, dada a eles de forma diferente das mulheres, de conciliar esses diferentes “investimentos” de tempo, energia e recursos financeiros.

Trabalhadores qualificados com empregos formais, poderiam ter optado por concluir o curso superior e usufruir individualmente de seus salários, tendo tempo e dinheiro para consumo pessoal, lazer com os amigos, viagens, *hobbies*, gozando de toda a liberdade que uma tal situação poderia oferecer-lhes. Entretanto, é outra sua escolha. Arrumando uma namorada, privilegiam sua relação com a mesma aos amigos e ao lazer individual. Rapidamente casam-se, antes mesmo de se formarem na faculdade.¹⁰³ Vimos que esse tipo de trajetória (casar logo) é desejado pela grande maioria dos solteiros, o que confirma, também entre a geração mais jovem de técnicos, o predomínio de tais valores e projetos.

A situação de trabalho das “esposas”¹⁰⁴ dos técnicos investigados é variada. Entre 9 homens casados, encontrei 6 esposas que trabalham fora, nas seguintes atividades: uma professora, uma caixa de boate, uma gerente de vendas de peças industriais, uma secretária de escola, uma decoradora de festas infantis, uma costureira de vestidos de noiva. Como se observa, apenas uma delas tem atividade de nível superior, a professora, que atua em escolas da rede estadual, na capital. O nível social das famílias dos cônjuges é semelhante ao dos técnicos.

Vemos que existem mudanças na estrutura das famílias dos pais dos técnicos para a geração dos próprios técnicos, quanto à inserção da mulher no mercado de trabalho, acompanhando a tendência nacional (e mundial), mas há também continuidades. Percebemos, entretanto, que continua havendo uma diferenciação interna ao casal em relação à inserção dos cônjuges no mercado: primeiro, porque o nível de escolarização da maioria dos técnicos é superior ao da maioria das esposas, o que lhes possibilita, além do fato de serem homens, uma inserção mais

¹⁰³ Interessante registrar que há um único caso entre os entrevistados em que a namorada engravidou, acelerando o casamento. Todos os demais optaram pelo casamento sem maiores constrangimentos.

¹⁰⁴ Categoria nativa. Os técnicos referem-se às cônjuges invariavelmente como “esposas”, diferente de segmentos de classe média, que as denominam “mulheres”.

interessante no mercado e um papel de destaque na manutenção financeira da família. Além disso, 1/3 das mulheres dos técnicos investigados não trabalha e ainda, dentre as que trabalham, duas possuem atividade informal: uma costureira de vestidos de noiva, e outra decoradora de festas infantis, que só saem a serviço nos finais de semana, trabalhando em casa o resto do tempo. Assim, inseridas de fato no mercado, com rotina de horários e relações de trabalho, são apenas 4 dentre as 9 esposas de técnicos, ou seja, menos de 50%.¹⁰⁵ Nessas condições, tende a se fortalecer o papel do chefe-provedor e a estrutura hierárquica familiar.

Vejamos como Olacir concebe a relação entre os gêneros na sociedade e no casamento. Ele é solteiro e mostra-se ansioso por casar-se. Anseia por uma vida afetiva e sexual, e também deseja sair de casa. Refletindo sobre as relações entre marido e mulher, acredita que vai enfrentar problemas nessa relação pois identifica em si mesmo dificuldades de “iniciativa”, qualidade fundamental do marido, segundo sua concepção. Segundo ele, o homem é o líder da família, responsável perante Deus pela mulher, pelos filhos e pela harmonia e prosperidade da família. Ao mesmo tempo, nega legitimidade a uma relação autoritária entre o marido e a mulher e busca conciliar o lugar do marido como responsável pela família e pela manutenção da solidariedade entre seus membros com o direito das mulheres conquistarem quaisquer postos no mercado. Suas reflexões indicam a um só tempo a permanência de valores hierárquicos e a aproximação de outros valores, individualistas, operando num tipo de hibridização.

A mulher, hoje, passou o homem, né? A mulher está acima do homem hoje. Eu vou dar um exemplo de periferia: nessas situações de final de semana, parece que antes era o homem que tinha que ir atrás da mulher; hoje é a mulher que está indo atrás do homem, é assim. Então, tudo quanto é situação que você for pensar, a mulher que está na frente. Se não está acima, está do lado. O que eu estou falando é o que está acontecendo, mas não quer dizer que eu estou aprovando. E apesar do homem se deixar que isso aconteça, eles não valorizam essas mulheres, não valorizam, eles vêem elas com maus olhos, mesmo. O homem não vê a moça que faz isso com bons olhos, a mulher que está entrando no mercado de trabalho é vista como... sei lá... alguém que está ganhando o espaço do homem. O homem vai e começa a se sentir... é... mais frouxo do que ele já é. Inclusive saiu uma matéria, até na Veja, na Isto é, não sei, falando como que o homem está se sentindo nesse século, desse tamanhinho, se sentindo quase nada, por causa do avanço da mulher na sociedade, nas diversas áreas. Deus fala com o homem como um cabeça, mas não é para ser um cabeçudo que fica mandando e desmandando. Querer ajudar a esposa. Aí eu estou falando no caso do casamento, né? Tem que ajudar a esposa a estar crescendo, a esposa também ajudar o marido a estar crescendo. então

¹⁰⁵ E ainda: uma delas, mulher de Ednardo, é professora em um único turno, a outra, mulher de Fernando, só começou a trabalhar recentemente.

a relação é de ajuda mútua, só que um é o cabeça e a outra a auxiliadora, é assim que Deus fez, só que tudo está deturpado. Agora, em relação a esse espaço grandão que tem aí, a mulher em gerência, na supervisão, nas coisas... a palavra de Deus para isso não tem não, é livre né? Deus fez todos livres para exercer qualquer coisa, menos as suas leis.

Ainda com relação à inserção das esposas no mercado, Antenor, Edgard e Marilton — cujas esposas não trabalham fora — assumem a posição de chefes de família e se referem às esposas sempre como boas mães de família, zelosas dos filhos e donas de casa organizadas. Esses 3 técnicos também não se sentem diretamente responsáveis pela educação dos filhos, privilegiando em seus discursos os temas ligados ao “mundo da rua”, no sentido de Roberto da Matta, ou seja, do mundo público, referindo-se quase que exclusivamente ao trabalho e à política. Observe-se que Antenor e Edgard são os técnicos mais velhos dentre os entrevistados, ambos diplomados como técnicos em 1986, contando, na primeira entrevista, com 42 e 53 anos de idade, respectivamente.¹⁰⁶ Já Marilton estava com 30 anos na primeira entrevista, pertencendo à geração mais jovem dos entrevistados, aqueles formados em 1996. Todos os três foram educados no interior até a adolescência, quando vieram para Belo Horizonte, em função do curso técnico.

Os demais, cujas esposas trabalham, têm níveis de envolvimento diferenciado com as atividades familiares, mas também suas posições variam com as condições de cada momento. Vejamos algumas situações. Durante vários anos apenas Fernando trabalhava, a esposa, não. O casal mora nos fundos da casa dos pais dele, numa vila encravada entre muros de fábricas, onde também mora a família de Karen, a esposa. Fernando dizia estar perdendo a infância dos filhos, pois trabalhava o dia todo em uma fábrica e estudava Engenharia à noite. Na verdade, parece que quem considera o fato de ele ficar tão ausente como “perda” é a esposa. Ele, mesmo dizendo que ela tem razão, parece não ter muita paciência com crianças e afirma ser extremamente exigente, tendo com isso algumas dificuldades de relacionamento com os filhos. De fato, seu cotidiano se resume a trabalho e estudo, e parece que seus projetos e interesses atuais também convergem para essas esferas:

Meu tempo é o mínimo... de 2^o a 6^o, de 7 às 5 trabalhando; de 7 às 11 horas da noite na faculdade. Saio do serviço, chego em casa às 5:40, tomo um banho, a janta já tá pronta, janto, 6:20 eu tô indo pra faculdade. Sábado geralmente eu estudo ou

¹⁰⁶ Tanto Antenor como Edgard terminaram o curso do IT muitos anos antes e só obtiveram o diploma de técnico vários anos depois de concluído o curso.

eu faço algum serviço na empresa... E domingo é os Cálculo II da vida, é trabalho pra fazer... Então pode ser uma falha mesmo, mas eu deixo mais por conta da minha esposa: ela que vai em reunião -Ah, tá precisando disso... senão eu não tenho como dar seqüência. Minha esposa me ajuda, me apóia muito, porque ela sabe da importância que é o curso superior pra mim, pra ela. Se eu não gostasse não 'taria fazendo Engenharia, passando sábado e domingo, passando noite acordado e caderno, livro, perdendo a melhor fase dos meus filhos... Eu tenho uma menina de 9 anos que eu não vi ela crescer. Daqui a pouco ela vai tá com 16 e puta merda! Eu não vi a minha filha crescer! Meu menino caçula também tá indo no mesmo ritmo. Então o que que eu tô tentando fazer? Eu tô tentado perder umas coisas pra eu ganhar outras. E se eu num gostasse, eu não ia fazer isso. Fazia: -Não, eu vou tentar viver com o salário que eu tenho e o que eu fizer tá bom (Fernando, na primeira entrevista, quando a esposa ainda não trabalhava).

Fernando tinha então condições de liberar-se inteiramente de qualquer responsabilidade no mundo da casa e voltar-se totalmente para o mundo da rua. Mas essa situação mudou. Em outra entrevista, 6 meses depois, Fernando declara que não estava conseguindo pagar a faculdade, endividou-se junto à “caixinha” dos funcionários da empresa onde trabalha.¹⁰⁷

O Fernando sozinho dá conta? Não dá, ele tem faculdade para pagar, tem água, tem luz, tem telefone, tem conta, doença, então não dava só para ele, tem passagem, eu me sentia uma inútil aqui dentro de casa, uma inútil, Era a coisa que mais me estressava, eu saía de manhã para procurar emprego, entregar currículo e andava igual uma cachorra, ficava assim andando alucinada, e entregava, entregava, entregava e ninguém me chamava (Karen, esposa de Fernando).

Finalmente Karen conseguiu um emprego como caixa de uma boate numa região sofisticada da cidade. Com isso, mudou toda a organização doméstica: dorme durante o dia, inclusive nos fins de semana, pois trabalha todas as noites; Fernando agora passa roupas nos finais de semana e também precisa ficar com os filhos nas noites em que não tem aula. As práticas e as representações dialogam com o campo de possibilidades de forma dinâmica. O ingresso da esposa no mercado deu um bom alívio financeiro à família e impôs uma nova divisão das tarefas domésticas. Também se alteraram as posições nas relações de “poder” internas ao casal, com a esposa valorizando-se mais.

(...) mas [o trabalho atual] é divertido, a equipe é ótima, os funcionários são ótimos, cada qual com sua vida, cada qual com seus problemas. Para mim foi assim uma terapia sair de casa. Valor a mulher tem dentro de casa? Tem, mas não tanto quanto se estivesse trabalhando. Eu me sentia um peixe fora d'água, porque toda

¹⁰⁷ Sistema independente de ajuda mútua, organizado e gerido pelos próprios trabalhadores da empresa.

a minha vida eu fui uma mulher muito lutadora por tudo entendeu? (Karen, esposa de Fernando).

Permanece uma referência ao papel do chefe provedor: “O Fernando sozinho dá conta?” E ainda, na expressão de Karen acerca das tarefas que hoje cabem a Fernando, onde a parte do marido é concebida como “ajuda” às tarefas que seriam de responsabilidade dela, a mulher. Mas o mesmo discurso aponta mudanças: “mulher dentro de casa não tem valor”, “o trabalho é divertido”, “eu me sentia uma inútil”. Fernando transita, com dificuldade, mas também com reconhecimento e compreensão de que é preciso adaptar-se, é preciso reconhecer as contribuições e as limitações de todos, inclusive as dele próprio. A esposa, como se percebe nesses trechos de entrevista, é uma pessoa totalmente desinibida, expressa-se com facilidade, clareza e correção. Fez o curso de magistério em nível médio mas nunca conseguiu emprego na área. Vendia bijuterias para ter algum dinheiro para pequenas despesas, mas não estava tendo rendimento quase nenhum. Segundo ela, o emprego de caixa na casa noturna foi conseguido através “da intervenção divina, através de oração e jejum”. Acredita que perdeu o emprego anterior por punição de Deus, porque ela gastava demais com roupas e contraiu muitas dívidas. Deus teria resolvido então “dar um jeito” nela, tempos depois, quando ela procurava trabalho novamente e já cansada de tanto distribuir currículos

Quando você tem que conversar com Deus você tem que se humilhar mesmo porque ele é supremo, ele é o maior. Então para ele você pode humilhar e chorar. Pus meu joelho no chão, meti minha cara no pó, falei: ‘- Não, do jeito que está não dá, meu Deus! A partir de hoje me ajuda! O senhor já me deu tratamento, eu acho que eu já aprendi, não precisa mais. Eu quero um emprego para mim ganhar mais de duzentos reais’. Eu chegava nervosa, estressada chateada porque a pessoa que procura emprego ele é muito humilhada. Você tá ali sem dinheiro, você sai com dois vale-transporte, às vezes com um! Naquele dia, falei assim: -A partir de hoje vai ser a minha vingança. Ajoelhei, mas chorei, chorei, chorei conversando com Deus, pedindo perdão e pedindo para Ele colocar uma coisa boa na minha vida. Falei:- Senhor, a partir de hoje eu, Karen, não saio para procurar emprego mais, não saio (Karen, esposa de Fernando).

Ela havia feito várias inscrições para empregos, uma delas para auxiliar de cozinha numa casa noturna de classe média. Os empregados viram que ela havia completado o curso médio, além disso tinha “digitação” e a chamaram para trabalhar como operadora de caixa, ganhando 250 reais como salário, mais cerca de 400 de comissão (rateio, entre os funcionários, das gorjetas da noite). Ela está convicta de ter recebido mais uma prova de que Deus ouve quem se arrepende, se

humilha e se dispõe realmente a mudar, superando o hábito de endividar-se. Sobre a vida familiar, cobra do marido maior atenção aos filhos, carinho, tempo dedicado. Acredita que o jeito dele, excessivamente exigente com os filhos, é decorrente da forma como foi criado: a mãe era muito rígida e batia nos filhos com frequência. Ele havia tocado nesse assunto em outra entrevista:

Mas tem determinadas coisas que tem que ser tradicional. Se você deixar solto, 'cê vai pra três lugares, três limites: ou uma cadeia, ou um cemitério ou uma cama de hospital. A pessoa que não tem limite ela tem essas três opções. Eu tenho colegas meus que com 18 anos o cara tá preso! Preso! Por quê? Porque não teve limite. Achou que o mundo... o céu é o limite. Não é? Porque o cara ter tudo na vida e não ter nada, porque o que eu percebo, muitas vezes o cara ter as condições, é até desfavorável pra ele, porque quando ele tiver que assumir determinadas posturas na vida ele não vai saber. Ele não vai definir, não vai ter parâmetros. Por exemplo, o que que é caro no Brasil? Não sei. O que que é caro vai ser se eu tiver dinheiro ou não. Se eu quiser comprar um celular e tiver 100 reais eu vou achar mais ou menos, e se eu tiver 1 real? Ele é caro. Então a pessoa... Igual a esse cara, [o milionário americano que comprou uma viagem ao espaço] 20 milhões pra ele é barato, uai. A gente não sabe quanto que ele tem! 20 milhões? Ah, isso é o que eu gasto uma semana viajando pro Caribe! Acho que é isso que está faltando em geral. A escola que vai mostrar isso? Eu não sei. A sociedade não vai, porque a sociedade vive disso!

Karen acredita que Fernando esforça-se por ser mais próximo dos filhos. Ao mesmo tempo, sua visão de mundo eleger a disciplina e o limite como valores fundamentais. Essa postura racional frente aos filhos é reforçada pelo *habitus* construído desde a infância, que vê a luta contra as dificuldades como valor, por seu caráter educativo, construindo a *têmpera* e a solidariedade por todos em dificuldades. Também reforçam essa postura a experiência de esforço e organização construída no IT e depois na indústria. Mas a postura disciplinada de Fernando diante da vida nada tem com submissão ou falta de percepção política. Na prática, suas experiências lhe dizem que, sem muita disciplina, capacidade de trabalho e de dedicação integral do tempo aos projetos de médio prazo, é quase impossível enfrentar as inúmeras dificuldades impostas ao seu grupo social. Além disso, os limites —elementos básico das disciplinas— dão sentido de realidade, fortalecem a vontade e a solidariedade. Transmite aos filhos tal concepção, mas começa a ser alertado para o fato de que, nesse processo, algo pode estar se perdendo em termos das relações afetivas com os filhos, algo que ele, de fato, não prioriza. Aqui talvez uma das situações para que Touraine nos chama a atenção, a de uma perda do delicado equilíbrio entre razão e sujeito, na educação dos filhos. O discurso do sujeito individual (psicologia infantil, amor, carinho, atenção) penetra o grupo a-

través da esposa, mas Fernando reluta em assumi-lo, temendo o extremo oposto, ainda que seja sensibilizado por ele.

Num outro momento, a família (Karen, Fernando e uma sua irmã) polemizava sobre as causas do atentado dos aviões no World Trade Center. Fernando acreditava ser culpa da ganância dos EUA, que historicamente “sugaram” o resto do mundo, assim como a Europa. Karen discordava com toda a liberdade, acreditando que a culpa da pobreza no Brasil é da “roubalheira dos políticos” e que os Estados Unidos não têm nada a ver com isso. Para ela, o atentado às “torres-gêmeas” foi resultado do fanatismo religioso de “verdadeiros loucos”. As divergências eram expressas tranqüilamente e também rebatidas com naturalidade por uns e outros, demonstrando relações de igualdade e respeito entre os três. Conforme alertava Sérvulo Figueira, encontramos no Brasil diferentes modelos convivendo numa mesma família. Ou seria mais adequado pensarmos em termos de diversos modelos sendo gestados, sincretizando, hibridizando elementos oriundos de uma ou de outra matriz cultural? A segunda alternativa confere aos sujeitos o benefício da coerência, compreendendo a complexidade como constitutiva dos processos culturais. Fazem-se presentes nos discursos dessa família, matrizes tão diversas como a religiosa pentecostal, a católica, a disciplinar industrial, a familiar moderna, a política de esquerda e a hedonista da modernidade tardia.

Outra interessante configuração (Lahire, 1997) pode ser encontrada nas famílias de Hugo, Ednardo e o casal José Paulo e Sonia. Todos se formaram em curso superior e se casaram antes ou durante o mesmo. As três esposas trabalham fora e os três casais possuem, cada um, dois filhos. Os três priorizam igualmente, em seus discursos e práticas, a vida familiar e a criação dos filhos:

Meu negócio é estar com minha família: eu cheguei em casa, vi minhas filhas, pra mim está ótimo! São maravilhosas, então é isso aí que vale tudo, entendeu? O dia-a-dia mesmo é ficar com minhas filhas, passeando por aqui mesmo no parque [municipal nas imediações do apartamento da família] com elas, vou para um shopping e elas estão se divertindo, aí já faz a gente se relaxar. E eu adoro criança! Eu não sei, cada criança tem seu jeito de ser, né? (Hugo).

Eu achava que meu pai era muito ausente, e sabe, hoje eu tento ser exatamente ao contrário do que ele foi. (...) Então eu faço o máximo para às seis horas da tarde já estar em casa já com meus filhos lá e eu lembro que meus pais não eram assim. Hoje tem o lado psicológico da criança, que hoje a gente preocupa, né? Se você vê seu filho triste, caidinho, você vai lá pergunta o quê que é (Ednardo).

Os filhos aparecem como indivíduos com necessidades afetivas que são valorizadas e atendidas. Emergem, no interior da família, como sujeitos portadores de direitos. Durante o churrasco que promovi para os técnicos participantes da pesquisa, Ednardo esteve boa parte do tempo envolvido com os filhos, explorando o quintal, balançando na rede, conversando, providenciando comida para eles. A esposa, presente, professora da rede estadual, participava animadamente das conversas, emitia opiniões e se relacionava de forma bastante desinibida com todos, homens e mulheres. Também ela dispensava atenção aos filhos, tomando-os no colo, providenciando coisas de que eles precisassem. Ednardo revezou naturalmente com ela o acompanhamento dos filhos e as conversas na roda dos adultos. Essas relações parecem mais igualitárias, no sentido de Dumont, colocando mulher e filhos no mesmo patamar do homem na estrutura familiar.

O lazer do homem, que na geração dos pais realizava-se no *mundo da rua*, volta-se para dentro do grupo familiar. Ednardo passa os finais de semana na casa de campo que está construindo numa área rural da região metropolitana, Hugo dedica seu tempo livre inteiramente às filhas, José Paulo também dedica o tempo livre aos filhos, em especial à filha caçula — o mais velho trabalha durante o dia e estuda à noite, dirige automóvel e tem o tempo muito ocupado por atividades ligadas ao trabalho e estudo. Seu lazer é passear com a família em algum “pesque-pague”, andar de bicicleta. Nas férias e feriados, a opção deles é sempre por acampar, verdadeira mania deles que participam sempre juntos. Em visita à família pude observar que o clima entre o casal e com os filhos é bastante afetuoso e respeitoso. Os filhos são ouvidos ao falar e mesmo estimulados a participar da conversa dos adultos. Participam com naturalidade e interesse. A esposa também participa da conversa com toda desenvoltura, assumindo fazer parte da mesma.

Temos, portanto, uma configuração já bastante diferenciada das famílias de origem. Não podemos dizer que o trabalho dessas mulheres acontece em primeiro lugar em função das necessidades econômicas das famílias pois todas essas famílias contam com salários muito melhores do que contavam os pais: Hugo e Ednardo recebiam, na época da primeira entrevista, salários que correspondem a 25 salários mínimos ou 4,2 Salários Mínimos Necessários. José Paulo recebia em torno de 15 salários mínimos. O número de filhos (2) é baixo, não justificando despesas de maior monta. Situação semelhante à de Marcelo, que recebia, em 2001, quase 28 salários mínimos e cuja mulher trabalha decorando festas infantis.

Esses homens demonstram hibridizar, sincretizar elementos oriundos de diferentes modelos familiares (“modernos” e “pós-modernos”), numa reelaboração onde se destacam, por exemplo, a igualdade de direitos entre marido e mulher, o abrandamento, ou até mesmo o fim, da divisão de gêneros entre esfera pública e esfera privada, sem, entretanto, chegarem a expressar perspectivas de projetos puramente individuais. A referência a uma comunidade, sendo esta, para eles, a comunidade familiar, permanece inquestionável como a mais valorizada por esses sujeitos, mesmo quando adotam relações igualitárias. A valorização da família também aparecerá na preeminência dos parentes das famílias de origem, suas e dos cônjuges, como o grupo de preferência junto ao qual constroem sua vida social (cf. Capítulo 7).

Durante o churrasco dos técnicos, um dos assuntos que surgiu foi a questão das pessoas que estudaram em outros tipos de escola, que não o Instituto Tecnológico, em especial nas escolas privadas, dando-nos oportunidade de registrar suas representações acerca de outros segmentos sociais. O grupo imediatamente se agrupou em torno da representação de que aos meninos “burguesinhos” falta a estrutura familiar que incute valores e normas que são a base de sustentação da vida. Demarcando fronteiras através de um movimento de identificação contrastiva, várias frases de efeito foram então proferidas em relação ao individualismo das pessoas de nível social mais elevado. Esse individualismo leva essas pessoas, segundo os técnicos, à “solidão e à depressão”. A falta de valores os arrasta para o consumismo, a bebida e as drogas, na busca de solução para a solidão e a “falta de objetivos”. A falta das famílias como referência de vida levaria também esses sujeitos a uma postura insensível na vida, no trabalho e na sociedade, marcada pela ausência de solidariedade para com os demais.

Se os técnicos vêm construindo novas estruturas familiares, elevando esposas e filhos à condição de igualdade e assumindo fortes referências em valores como esforço e dedicação individual (como no modelo individualista-igualitário que já perpassava as famílias de origem), articulam fortemente essas capacidades pessoais ao pertencimento a coletivos, em especial o familiar, reproduzindo e reconstruindo um *ethos* que apresenta especificidades.

Na relação com as famílias, na educação dos filhos, o esforço aparece como obrigação de cada um de dar o melhor de si, mas vem acompanhado da noção hierárquica de troca, na lógica da reciprocidade: dar, receber, retribuir. Aquele que

oferece, merece receber em troca e merece ainda reconhecimento e respeito. Mas todos precisam dar sua contribuição para o grupo, independente da faixa etária e independente de seu lugar na hierarquia, o que apresenta especificidades frente aos padrões individualistas-igualitários modernos, e ainda aos modelos familiares centrados nas crianças (*child-centered*) em que essas são vistas como totalmente dependentes dos pais, os provedores. Aos que não são capazes de oferecer mais, deve-se conceder o benefício da consideração das condições que lhe foram oferecidas, antes de estabelecer patamares abstratos de cobrança. Observa-se aqui uma articulação com noções da Psicologia como afeto, dimensão emocional do sujeito, necessidades individuais. Entretanto, serão criticadas posturas familiares em que faltam limites e regras, pois todos têm presentes em suas representações os inúmeros obstáculos que tiveram e que ainda têm de transpor para realizar seus projetos. Também têm presentes as humilhações e injustiças vividas pelos pais, irmãos mais velhos e por eles mesmos, especialmente no mundo do trabalho, e se posicionam de maneira bastante crítica em relação a elas.

As estruturas familiares escolhidas e realizadas pelos técnicos mostram-se, como vimos, bastante diversificadas. Encontramos entre eles uma divisão, praticamente meio a meio: a partir de um modelo básico, nuclear, eles se dividem entre famílias nucleares com estruturas predominantemente hierárquicas e famílias nucleares com estruturas predominantemente individualistas. Ressaltamos que nesses modelos predomina um tipo de estrutura, mas ela não é, jamais, pura e dialoga permanentemente com os demais modelos. Assim, vemos o diálogo, a negociação e mesmo a tensão permanente na família de Fernando, que busca cotidianamente atualizar seus acordos internos, considerando, nos mesmos, tanto os valores hierárquicos quanto os individualistas.

Em algumas famílias, repito, parece predominar um desses enquanto em outras predomina o segundo modelo. Isso nos mostra que o trabalhador qualificado contemporâneo precisa dialogar com esses diferentes modelos e o faz melhor quando conhece as potencialidades e limitações de cada um, os valores que os subjazem e as condições objetivas para sua realização. Os significados que mais penetraram no grupo são: a união e coesão permanentes do grupo; a igualdade de direitos entre homens, mulheres e crianças e a consideração das necessidades emocionais e dos projetos pessoais de todos os componentes do grupo. Já outros valores, oriundos de um ou de outro modelo familiar (papel do chefe-provedor e

preeminência de seus projetos sobre os demais, beneficiados por esse; relação igualitária ou complementar na divisão de tarefas econômicas e domésticas) têm penetração variada nos diferentes grupos investigados. É interessante ressaltar que, nos grupos em que há mulheres com formação universitária (caso das famílias das quatro técnicas investigadas e ainda das famílias de Ednardo, Hugo), predomina o modelo individualista, com relações mais igualitárias. A inserção da mulher no mercado de trabalho aqui, como observado por Vaitsman e por tantos outros, é fator definidor do tipo de relações negociadas no cotidiano familiar e repercute em todos os demais âmbitos da vida, como bem constatou Karen, a mulher de Fernando, quando de seu ingresso no mercado.

Também podemos concluir que esses trabalhadores, mesmo alcançada relativa autonomia financeira e um nível educacional superior, mantêm a expectativa de uma vida cotidiana inserida numa família nuclear, incluindo, ainda que indiretamente, as parentelas de ambos os cônjuges que, em muitos casos, está até fisicamente próxima.

Continuidades e rupturas na organização familiar constroem-se dessas maneiras particulares nesse grupo, em diálogo com seu campo de possibilidades e tendo em vista seus projetos e indicam os temas aqui explorados como importantes campos conflitos e de interesses desses sujeitos que os processos formativos poderão abordar, oferecendo-lhes mais elementos de reflexão a esse respeito.